

## Os ferreiros e as armas de fogo na África central no século XIX

JULIANA RIBEIRO DA SILVA BEVILACQUA\*

Essa comunicação tem como objetivo apresentar alguns apontamentos sobre o aumento sistemático do fornecimento de armas de fogo pelos europeus na África central durante o século XIX e a atuação dos ferreiros diante dessa nova realidade.

O conhecimento da metalurgia do ferro na África central é bastante antigo. O impacto da presença do ferro nessa extensa área afetou as relações sociais e econômicas das populações locais de tal maneira que os profissionais que dominavam esse saber passaram a ter uma posição cada vez mais diferenciada dentro das sociedades. A importância dos ferreiros aparece, por exemplo, em muitos relatos míticos da África central. Nos mitos, aquele que detém o conhecimento da metalurgia aparece associado à realeza, ao poder e ao mundo invisível.

Por conta dessa relação direta com o mundo invisível, também explicada pelo próprio ofício estar ligado à transformação da natureza, os ferreiros nunca tiveram um papel apenas relacionado à produção de objetos feitos em ferro, como ferramentas para a agricultura e armas. Esses homens tinham uma importante participação nas cerimônias de entronização de chefes e na elaboração de suas insígnias de poder. É possível constatar, por exemplo, que a bigorna e o martelo, ferramentas essenciais do trabalho do ferreiro eram, em diversas regiões da África central, peças fundamentais na entronização de chefes e também símbolos de poder. Segundo Eugenia Herbert, até tempos recentes os chefes congo possuíam versões em miniatura desses dois instrumentos de trabalho (HERBERT, 1993: 134).

Essa multiplicidade de papéis e funções nas sociedades centro-africanas permitiu que os ferreiros se adequassem às transformações vividas por estas ao longo do século XIX, principalmente a partir da intensificação do comércio legal ocorrido nesse período.

---

\* Bacharel em História pela Universidade de São Paulo e mestre em História Social pela mesma universidade. É autora do livro *Homens de Ferro. Os ferreiros na África Central no século XIX*. São Paulo: Alameda; FAPESP, 2011.

O comércio lícito realizado por europeus não foi uma exclusividade do século XIX, ele sempre existiu concomitantemente com o comércio de escravos. A grande diferença é que o comércio legal passou a existir independentemente do tráfico de escravos e atingiu proporções não antes conhecidas a partir desse momento.

Apesar da entrada no continente africano de objetos de ferro provenientes da Europa, enquanto os preços dos artigos de ferro produzidos localmente conseguiam competir com os estrangeiros, os africanos optavam pelos produtos nativos, o que acabou colaborando para que os artefatos em ferro produzidos pelos ferreiros centro-africanos continuassem sendo uma demanda. Havia também por parte dos africanos, o reconhecimento da alta qualidade do ferro local, não sendo rara a rejeição ao metal estrangeiro. Além disso, muitos produtos em ferro que chegavam à África central não satisfaziam as necessidades práticas dos africanos, fazendo com que estes procurassem constantemente ferreiros para que readequassem esses objetos às demandas locais.

É a partir de 1840 que os africanos passaram a ser, cada vez mais, forçados a incorporar os produtos europeus. Os comerciantes portugueses iam aos poucos inserindo novas ideias e mercadorias no contexto africano. Muitas vezes, no entanto, o uso desses objetos adquiria um sentido local, bastante diverso do sentido dado pelos europeus, como é o caso das armas de fogo.

### **As armas de fogo na África**

Alguns estudiosos estiveram preocupados em compreender a presença de armas de fogo na África central. Isabel Castro Henriques, no importante artigo sobre o tema, “Armas de Fogo em Angola no século XIX” (HENRIQUES, 1989) discute exatamente a incorporação das armas de fogo pelos africanos na África central. Em sua obra *Percursos da Modernidade em Angola* (HENRIQUES, 1997), a questão da arma de fogo permeia também diversos capítulos. Maria Emilia Madeira Santos é outra estudiosa que se dedicou ao assunto. Em vários trabalhos, a autora destaca a questão das armas de fogo, mas é em seu artigo “Tecnologias em Presença: manufacturas europeias e artefactos africanos” (SANTOS, 1998) que ela aprofunda o tema, além de discutir também a atuação dos ferreiros frente a essas armas. Entre 1967 e 1970, a Universidade

de Londres organizou uma série de seminários sobre o tema e os resultados foram publicados em vários números do *Journal of African History*, em 1971 e 1972. David Birmingham também discutiu a presença das armas de fogo em sua obra *Central Africa to 1870*, mas de uma maneira sucinta (BIRMINGHAM, 1994).

É sabido que as armas de fogo não eram desconhecidas dos africanos antes do século XIX. A venda desses objetos aos africanos ocorreu desde os primeiros contatos, principalmente por parte de países como Holanda e Inglaterra, causando grande temor em Portugal que, durante séculos, manteve uma política de evitar que armas caíssem nas mãos dos africanos (o que não significou necessariamente que isto não ocorresse).

Por muitos séculos, os próprios africanos rejeitaram o uso constante das armas de fogo. John Thornton lembra que líderes de exércitos localizados a leste do rio Kwango não viam a falta de armas de fogo como um grande problema militar. Exércitos lunda que chegaram às barreiras do Kwango do leste longínquo, por volta de 1750, estavam amplamente equipados com lanças e espadas, bem como escudos resistentes a flechas (THORNTON, 1999: 109). Obviamente, essa postura não era generalizada. O mesmo autor relata o caso dos congoleses, que mostraram grande entusiasmo desde os primeiros contatos por todas as coisas europeias, sendo também rápidos na incorporação das armas estrangeiras. D. Afonso I do Congo estava interessado nessas armas para seu próprio uso já por volta de 1510 (THORNTON, 1999: 108).

John Thornton é enfático ao afirmar, no entanto, que os africanos da região central foram rápidos em adotar a arma de fogo, mas lentos para substituir completamente as armas tradicionais. As armas utilizadas pelas tropas congolesas que aparecem numa revista militar do dia de São Jaime, em 1701, na região de Kibangu, capital de Pedro IV, por exemplo, incluíam alguns mosquetes, mas também espadas, clavas, lanças e arcos (THORNTON, 1999: 108).

No século XIX, há um aumento considerável da entrada de armas de fogo na África central. Com o fim do tráfico de escravos, com o processo de industrialização dos países europeus e com a intensificação do chamado comércio legal, as armas de fogo passaram a entrar na lista de objetos desejados pelos africanos.

A qualidade das armas que iam para a África era geralmente de qualidade inferior. A maioria delas já estava em desuso na Europa, ou seja, eram obsoletas. As

armas que chegavam às mãos dos africanos eram, de maneira geral, as lazarinas e as reiúnas, que apresentavam muitas deficiências e, sobretudo, falhavam com frequência. Isabel Castro Henriques chega mesmo a afirmar que a qualidade ruim das armas era intencional e se devia a uma má fé industrial e comercial dos comerciantes europeus. (HENRIQUES, 1989: 368).

Para a maioria dos africanos, no entanto, pouco importava a qualidade e o alcance das armas, já que, conforme visto anteriormente, as guerras africanas não dependiam exclusivamente delas. A diferença de concepção de guerra para os africanos e para os europeus também deve ser levada em consideração. Os africanos não faziam guerras para matar muitas pessoas. A morte de quatro ou cinco delas já era suficiente para o encerramento do combate. Na guerra entre o Bié e Caquingue, por exemplo, Serpa Pinto observou que “nas guerras entre povos d’estes paizes, pode contar-se que apenas um quinto dos combatentes sam armados de espingardas, e os outros 4- quintos de arcos e frechas, machadinhas e azagaias. Dizem, que uma guerra vai muito poderosa e forte, quando leva trinta tiros por espingarda”. (PINTO, 1881, vol. 1: 151)

Nem sempre a aquisição de uma arma de fogo significava necessariamente a utilização prática da mesma por seu proprietário, muitas vezes essas eram exibidas como insígnias de poder. Porém, é possível constatar uma visível transformação no papel dessas armas nas sociedades africanas no século XIX.

Essa mudança se deve, principalmente, às transformações relacionadas ao comércio. O aumento da concorrência comercial entre as caravanas fez com que aumentasse, por exemplo, a violência. As caravanas, mais numerosas e com um número reduzido de componentes para se tornar mais rápida e ágil, passou a sofrer mais assaltos. Cada vez mais se tornou necessário o uso da arma de fogo como forma de proteção dos carregadores e, principalmente, das mercadorias. Ao longo do século XIX, o número de carregadores portando armas de fogo como forma de intimidação da ação de criminosos aumentou consideravelmente.

A grande procura do marfim pelos europeus, acompanhada pelo ressurgimento dos quiocos na história da África central como hábeis caçadores de elefantes, também assistiu a uma intensa incorporação da arma de fogo no abate a esses animais. Assim,

esses dois fatores: a segurança das caravanas e a caça ao elefante são determinantes para a maior integração das armas de fogo entre os africanos no século XIX.

O comércio do marfim, entretanto, não teve início apenas nesse período. Jan Vansina afirma, por exemplo, que no século XVI os portugueses já comercializavam presas de elefantes na região de Loango (VANSINA, 1962: 379). Porém, a quebra do monopólio real do marfim em 1834 foi crucial para compreender o aumento da demanda por armas de fogo nesse negócio. Grandes transformações nas técnicas de caça ao elefante puderam ser percebidas a partir desse momento e as armas de fogo passaram a desempenhar um papel crucial para dar conta das demandas cada vez mais crescentes dos europeus.

A ânsia pelo marfim criou uma situação não antes vista na África central: o fornecimento de armas modernas e eficazes. É difícil afirmar se o aumento da entrada de armas de fogo impulsionou a eclosão do marfim ou se foi o marfim que impulsionou o aumento das armas de fogo na África central. Entretanto, é possível afirmar que as armas de fogo passaram a entrar até mesmo como forma de pagamento da presa de elefante. Henrique Dias de Carvalho, por exemplo, notou em fins do século XIX que,

*No Cambembe de Bungulo, dava-se ao caçador quioco Quimuango Matala: três barris de pólvora, duas armas lazarinas e seis peças de fazendas e no Luele matava ele poucos dias depois um elefante, do qual uma ponta ficou para o caçador e a outra para o abonador, tendo esta 78 libras de peso (Apud HENRIQUES, 1997: 609).*

Apesar do pagamento com armas de fogo pelo abate de elefantes, os quiocos não se deslumbraram com a constante presença dessas armas, tanto que pouco se importavam com a possibilidade de adquirirem armas mais modernas. Esses povos se mantiveram fiéis às armas de fogo de carregar pela boca, fabricadas em Liège. Aliado a isso, nota-se que o arco e flecha e as lanças envenenadas nunca foram abandonadas como armas de caça ao elefante. Lovett Cameron comenta que:

*(...) Conhecemos um caçador de elefantes de Mobasa, esperando pelo retorno de homens que ele havia despachado para a costa com o marfim. Ele estava armado com arco e flechas tão fortemente envenenadas, que um ferimento profundo, ou dois superficiais, se provaram suficientes para matar um elefante (CAMERON, 1877:82).*

## **Os ferreiros e as armas de fogo.**

É essa capacidade de aliar a introdução das novidades vindas do exterior com as produções artesanais locais pelos africanos que nos permite entender o papel dos ferreiros no que diz respeito às armas de fogo.

A intensificação da circulação das armas de fogo modificou consideravelmente a forma de atuação dos ferreiros na região centro-africana. Se durante muito tempo o trabalho desses homens estava baseado na fabricação de armas, como facas e pontas de lanças e ferramentas para a agricultura, como machados e enxadas, no século XIX os ferreiros passaram também a reparar as armas de fogo, além de produzir projéteis utilizando o ferro. Esses homens acabaram tendo também um papel importante nos rituais de sacralização dessas armas antes de sua utilização, incorporando nas libações desses objetos, elementos do mundo mineral.

Assim, se cada vez mais a arma de fogo passou a estar associada à morte, o ferreiro era aquele que, ao consertá-la ou decorá-la, garantia, de certa forma, a vida daquele que a portava. Afinal, o assalto a uma caravana despreparada podia significar a morte ou o prejuízo comercial de seu proprietário, assim como a fúria de um elefante não podia ser contida se a espingarda de um caçador falhasse.

O ferreiro e a sua interação com as armas de fogo é também um exemplo de como o africano encontrou rapidamente formas para se integrar à nova realidade. Ao perceber a importância de sua tarefa ligada a esses objetos, esse profissional não mediu esforços para tirar proveito das oportunidades que surgiam. Não se pode afirmar, no entanto, que todos eles tenham abandonado suas antigas funções em nome de uma nova. Mas as mudanças na rotina desses homens para suprir as novas demandas e solicitações foram evidentes.

Com a demanda pelo marfim, alguns ferreiros acabaram se deslocando para se integrarem às caravanas de caçadores, prestando-lhes auxílios no que diz respeito aos armamentos. Já outros, passaram a integrar o “circuito das guerras”, ou seja, buscavam as zonas de combates para consertar armas de fogo e fornecer outros tipos de armas aos combatentes. Lovett Cameron, em suas andanças, encontrou uma caravana com cerca de vinte componentes, pertencente a um ferreiro que se deixou levar pela esperança de

fazer fortuna em Unyanyembé reparando mosquetes durante a guerra com Mirambo (CAMERON, 1877: 81).

Outros ferreiros também passaram a ser incorporados nas chamadas caravanas comerciais. Como grande parte dessas caravanas demorava até três anos para retornar ao seu lugar de origem, era necessário manter um especialista que estivesse disponível para garantir o constante funcionamento das armas e suprir a demanda por projéteis. O trabalho desse profissional na caravana não era pequeno se pensarmos que, em 1880, de acordo com Maria Emilia Madeira Santos, considerava-se bem armada uma comitiva dispondo de cem armas. (SANTOS, 1998, 29)

É importante ressaltar que a itinerância das caravanas acabou propiciando que os ferreiros tivessem contatos com outros profissionais, possibilitando que trocassem técnicas e conhecimentos. Em 1866, o soba Quipopa, de Lozi, pretendendo igualar o seu poderio tecnológico ao dos quimbares solicitou ao comerciante Silva Porto que ali deixasse ficar o ferreiro que acompanhava a caravana. Dessa forma, “esse último transmitiu os seus ensinamentos a um lozi que, depois da sua morte, o substituiu. (...) o discípulo tomou posse de todos os utensílios da arte, sendo com eles que leva a cabo qualquer conserto de arma por ordem do suserano” (Apud SANTOS, 1998: 259).

A possibilidade de ação do ferreiro em relação às armas e fogo não ocorria apenas num momento específico, no caso de guerras, por exemplo, mas também no cotidiano das populações. A associação da arma de fogo como insígnia de poder era tão comum que cada vez mais passou a fazer parte da lista de “presentes” que os europeus tinham que dar aos sobas em troca de permissões e favores.

As armas de fogo eram também usadas como moeda de troca e o ferreiro era então aquele que, através de seu conserto, mantinha essa moeda sempre em circulação, afinal, uma arma danificada passava a ser uma moeda perdida. Somado a tudo isso, estava o fabrico do projétil, ou seja, da munição, que rapidamente os ferreiros aprenderam a fazer, utilizando, no lugar do chumbo, o ferro.

Na África central, se por um lado havia uma razoável quantidade de armas de fogo, por outro lado, havia uma escassez, a que tudo indica intencional, no fornecimento de pólvora e projéteis. Dessa forma, foram esses especialistas do ferro que acabaram por suprir essa necessidade, fazendo adaptações de acordo com os materiais disponíveis. No

entanto, muitas vezes o uso do projétil de ferro não era apenas uma resposta à carência daquele feito em chumbo, mas uma opção. Segundo Serpa Pinto:

*Os Bhienos não usam balas de chumbo, que sam, dizem eles, muito pesadas, e fabricam-nas de ferro forjado. Os cartuxos, que eles fabricam também, levam 15 grammas de pólvora, e têm 22 centímetros de comprido. As balas de ferro sam de diâmetro muito inferior ao adarme, pesando apenas 6 a 7 grammas. Como sam forjadas, sam mais polyedros irregulares do que esferas. As armas assim carregadas, de nenhuma precisão, como se pode bem julgar, tem um alcance de cem metros apenas. O alcance da frecha é de 50 a 60 metros, mas a grosseira precisão do tiro de frecha, entre os pretos, não vai além de 25 a 30 metros. As azagaias sam todas de ferro, curtas e ornadas de pelo de carneiro ou cabra, não sam de arremesso, e o Bhieno em combate nunca as deixa na mão (PINTO, 1881: 151).*

Pode-se observar que mesmo a distância alcançada pelo projétil de ferro ser menor (cerca de cem metros), ainda assim este vai mais longe que o arco e flecha. Até mesmo o próprio Serpa Pinto acabou necessitando dos serviços de ferreiros para conseguir prosseguir sua viagem. Com dificuldade de sair do Bié, por não possuir munição, Serpa Pinto acabou contratando quatro ferreiros para suprir a falta de projéteis:

*Anunciei que comprava todo o ferro velho que me trouxessem, e não tardou a aparecer grande quantidade de enxadas inutilizadas, e sobre tudo de arcos de barris de água-ardene. Só suspendi a compra de ferro quando tinha uns duzentos kilogrammas. Mandeí chamar 4 ferreiros do paiz, estabeleci duas forjas indígenas no pateo interior, com , com grande escândalo da preta Rosa, administradora da povoação de Belmonte. E em quanto fora da libata, os meus pretos faziam carvão queimando os restos de uma paliçada de páu ferro, de uma libata abandonada, começou no pateo um forjar contínuo. O primeiro trabalho a fazer era reduzir todo aquelle ferro a varão cylindrico do diâmetro das balas. Os ferreiros haviam-se com grande destreza. (...) No dia 25, tinha eu dez mil balas, ou antes dez mil bocados de ferro, toscamente forjado, com pretensões a terem uma forma esférica. Era o que me bastava, e despedi os ferreiros (PINTO: 1881:154).*

A destreza com que os ferreiros contratados realizaram o trabalho foi reconhecida pelo próprio Serpa Pinto. O conhecimento em fabricar projéteis de ferro e a capacidade de trabalhar num local não costumeiro reforça a capacidade de adaptação desses homens frente à nova realidade.

Além da capacidade em produzir projéteis, muitos ferreiros aprenderam a reproduzir parte das armas de fogo. Silva Porto afirma em 1847, por exemplo, que em Mutanjamba a maior parte dos habitantes possui armas de fogo, sendo exímios no fabrico de coronhas (PORTO, 1942: 68). Já em 1858, o sertanejo afirma ainda que os povos a tribo bambueira “manejam sofrivelmente as armas de fogo, que, com excepção do cano, fabricam perfeitamente, melhor que nenhuma outra tribo” (PORTO, 1942: 136). Ivens e Capelo também observaram que os ganguelas são ferreiros notáveis, “reproduzem e consertam com a maior facilidade quaisquer artigos que se lhes apresentem. Fecharias, canos de espingardas, zagaias, facas, enxadas, tudo constroem, permutando-as pelo mato” (IVENS; CAPELO, s/d: 105).

Os ferreiros quiocos também eram reconhecidos pela sua competência técnica. “As fontes europeias repetem frequentemente o elogio dos ferreiros quiocos, capazes de reparar espingardas, constantemente recicladas, de maneira a reduzir a dependência dos africanos em relação aos fornecedores europeus” (HENRIQUES, 1997: 618).

Esses especialistas quiocos tiveram especial importância na “quebra” da dinâmica de produção do marfim. No momento em que os próprios ferreiros compreenderam a manufatura da arma de fogo, estes, de certa forma, interromperam com a lógica, que interessava somente os portugueses, de trocar armas por marfim para que mais elefantes fossem abatidos com essas novas armas. Os portugueses foram obrigados a oferecer aos caçadores outros tipos de produtos, que não serviam para alimentar a própria produção do marfim.

A plasticidade desses homens, ou seja, a capacidade que eles possuíam de se atualizarem perante as novidades vindas do exterior e às próprias transformações e ainda tirarem vantagens destas, permitiu que o ofício de ferreiro se mantivesse ainda por algum tempo, mesmo após o início do colonialismo. Mas a decadência do ofício de ferreiro passou a ser notada já nas primeiras décadas do século XX. Hector Deleval

relata, em 1913, por exemplo, que “os ferreiros estão desaparecendo mais e mais, artigos de proveniência europeia estão sendo preferidos por sua leveza e custo mínimo”, o que revela que os esforços desses especialistas em se enquadrar a essa nova realidade tiveram um limite (DELEVAL, 1913: 23).

### **Considerações finais**

O aumento do comércio legal no continente africano a partir do século XIX foi, pelo menos nos momentos iniciais, muito vantajoso para aqueles que desenvolviam algum ofício artesanal ou trabalhavam diretamente com os produtos mais solicitados pelos europeus. O trabalho dos ferreiros ganhou grande visibilidade nesse período.

A entrada de mercadorias europeias, principalmente as armas de fogo, não prejudicou o trabalho desses especialistas, pois, além dos africanos não terem substituído as armas tradicionais pelas armas de fogo, rapidamente os ferreiros desenvolveram técnicas necessárias não apenas para consertá-las, mas também para reproduzi-las.

Os ferreiros são, certamente, figuras que sintetizam os processos vividos na África central no século XIX. A inserção desses homens, desde longuíssima data, nas mais variadas esferas da sociedade, fez com que as transformações, tanto internas quanto externas, ocorridas nesse momento, os afetassem de inúmeras formas. Os múltiplos papéis desempenhados pelos ferreiros dentro de suas próprias comunidades acabaram facilitando a adaptação desses às novas realidades. Além disso, sempre fez parte do trabalho desses homens a circulação por regiões longínquas, habitadas por povos culturalmente distintos. Por isso, lidar com o desconhecido e com o novo não foi uma novidade para esses homens.

## Referências Bibliográficas

BIRMINGHAM, David. *Central Africa to 1870*. Nova York: Cambridge University Press, 1994.

HENRIQUES, Isabel Castro. Armas de fogo em Angola no século XIX: uma interpretação. *I Reunião Internacional de História da África*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1989.

\_\_\_\_\_. *Percursos da Modernidade em Angola: Dinâmicas comerciais e Transformações sociais no século XIX*. Lisboa: Instituto de Investigação Tropical; Instituto da Cooperação Portuguesa, 1997.

HERBERT, Eugenia. *Iron, Gender and Power*. Bloomington / Indianapolis: Indiana University Press, 1993.

SANTOS, Maria Emília Madeira. *Nos Caminhos de África. Serventia e Posse*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1998.

SILVA, Juliana Ribeiro da. *Homens de Ferro. Os ferreiros na África central no século XIX*. São Paulo: Alameda; FAPESP, 2011.

THORNTON, John K. *Warfare in Atlantic Africa, 1500-1800*. Londres; Nova York: Routledge, 1999.

VANSINA, Jan. Long-distance trade routes in central Africa. *The Journal of African History*, vol. 3, n. 3 (1962).

## Fontes

CAMERON, Lovett. *Across Africa*. Londres: Daldy, 1877. Vol 1 e 2.

CAPELO, H.; IVENS, R. *De Benguela às Terras de Iaca*. Portugal: Publicações Europa-América, s/d. Vol 1 e 2.

PINTO, Alexandre Alberto de Serpa. *Como eu atravessei África*. Londres: Sampson Low, Marston, Searle e Rivington editores, 1881. Vol 1 e 2.

PORTO, Antônio Francisco da Silva. *Viagens e Apontamentos de um Portuense em África*. Portugal: Divisão de Publicações e Biblioteca / Agência Geral das Colônias, 1942.